This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

858,847

PROPERTY OF
University of
Michigan
Libraries

POESIAS ESCOLHIDAS

[illegible]

LISBOA
[illegible]
VIUVA TAVARES CARDOSO
[illegible]

[illegible]

POESIAS ESCOLHIDAS

DO MESMO AUTOR

PROSA:

«Marques».

Humilhados (em preparação).

VERSO:

O Encoberto, poêma (no prélo).

AFFONSO LOPES VIEIRA

POESIAS ESCOLHIDAS

1898-1902

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5—Largo de Camões—6

1904

8698
L866
1904

Porto—Imp. Portugueza—Rua Formosa, 112

I

O FADO

Fados de Portugal, suspiros e ais,
Fados que sois a nossa alma! Fados
Que de tristes saúdades me falais,
Oh suspirados, oh amargurados!

Cantigas do fado! Aonde
As ouviram parecidas?
Quanta desgraça não esconde
O fado das nossas vidas!

Nas cordas da viola enforca a Dôr,
Oh pôvo, e canta! É desafogar!...
Canta o teu fado á terra, oh cavador!
E o teu á onda, oh cavador do mar!

Dia d'ámanhã, futuro?
Que m'os importa saber!
Leva-me a sorte seguro...
E seja o que Deus quizer!

Nas vielas do amor á noite passa
O fado da miseria e humilhação.
Oh vozes roucas, harpas da desgraça,
Oh versos côxos, cheios d'emoção!

•

Debaixo da terra dura
Dizem os mortos assim:
—O fado da sepultura
É fado que não tem fim!

Mar dos naufragios, fado dos mareantes!
Orfãos, viuvas, nessa praia, aos ais!
Perdido um barco, as ondas escumantes!
Noivas sem noivos, filhos sem ter pais...

Que o vento mude e nos deixe
Ir ao mar, p'ra se viver.
Rêdes, enchei-vos de peixe,
Que os pobres querem comer!

Cegos, cantais *o grande e horrivel crime!*
E por aldeias, pelos povoados,
Arrastais a lamuria onde se exprime
A velha voz d'Homeros desgraçados!

Oh ceguinhos das violas
Parai-me á porta um stantinho:
Hei de encher-vos as sacolas
E dar-vos pão, dar-vos vinho.

Oh nau da India carregada d'oiros,
Velas christãs que dão a volta ao mundo!
Resou-te a tempestade os maus agoiros
Que diziam que um dia ias ao fundo!

E a nau, que partiu divina,
Teve o seu destino mau.
Ninguem foge á sua sina,
Seja homem, seja nau.

Tinha de ser assim, gente perdida!
Adeus, oh raça que chegaste ao fim.
Ninguem foge ao destino nesta vida:
Tinha de ser! Tinha de ser assim.

A gente logo ao nascer
Tem uma estrella que diz
Se fortuna se ha de ter,
Se se ha de ser infeliz.

Este fado criaram-no no mar
Mareantes que andavam á ventura.
Só elles o podiam inventar!
Elles, que vivem sobre a sepultura.

É cantar, na despedida,
P'ra onde nos leva sorte,
O fado da nossa vida,
O fado da nossa morte!

À SENHORA DO MAR, DAS ONDAS

No convento de S. João de Deus, em Lisboa.

Sobre as agoas do mar Apparecida,
Na praia as verdes ondas vos puzeram;
Num caixãozinho assim fôstes trazida
Por ellas, que serenas se fizeram.

E numa velha igreja, que ficava
Ao pé da mesma agoa que vos trouxe,
Vossa Imagem serena levantava
Os olhos e sorria muito dôce.

Os navegantes que depois partiam
E pelo bravo mar se aventuravam,
De longe com seus olhos vos seguiam
E suas almas vos incommendavam.

E faziam promessas: — Se a revôlta
Agoa não fôr a nossa sepultura,
Hemos de vir, bôa Senhora, á volta,
Uma vela offertar da nossa altura. —

E na volta, cansados da peleja
Dos ventos doidos e dos mares falsos,
Cumpriam a promessa, e em vossa igreja
Resavam de joelhos, e descalços.

Vinham, depois de tragicas jornadas
Pelos desertos d'agoa êrmos e frios,
Pôr nesse altar, todas esfarrapadas,
As velas palpitantes dos navios.

Vosso manto livrava dos perigos
Do mar, nas noites más, cheias de mêdos...
E livrava dos ventos inimigos
E de bater, de noite, nos rochêdos.

Conservaveis, Senhora, aquellas vidas!
E as esfaimadas naus sem mantimento
Que iam das agoas brutas impellidas,
A pôrto iam chegar de salvamento.

Quando os pobres navios naufragavam
E se faziam todos em estilhas,
Os náufragos comvosco se apegavam,
E vós, de longe, obraveis maravilhas!

Apégo-me comvosco, d'onde vou,
D'este mar alto cheio de afflicções!
Com tanta fé nunca ninguem resou,
Ergo os meus braços, grito as orações!...

Chamo, e dos brados a minha alma é morta!
Grito, e dos gritos minha voz é rouca!
Linda Senhora, onde é a tua porta?
Voz de perdão, onde é a tua boca?

Aonde estais? Aonde estais agora?
Procuram-vos meus olhos, não vos acho...
Ninguem o sabe já, bôa Senhora!
A vossa igreja foi deitada abaixo!

E mãos humanas houve que se erguêram
Não para vos resar (que o não sabiam)
Mas para a vossa casa, que abatêram,
Mas para a nossa Fé, que destruiam!

Então, depois d'ali vos arrancarem,
Escutastes, Senhora, o mar, talvez...
E as ondas a chamarem, a chamarem
Para com ellas irdes outra vez.

E descestes á praia... O mar, rolando,
Conheceu-vos, chamou-vos a cantar...
Nossa Senhora Expulsa e Só, olhando
Para a formosa vastidão do mar!

E outra vez sobre o mar Apparecida,
Oh Senhora das Ondas, desterrada!
Pelas ondas do mar fôstes trazida,
Pelas ondas do mar fôstes levada...

O CORAÇÃO DO ADAMASTOR

«e por mais dobradas magoas
me anda Thetys cercando destas agoas.»

Lusiadas.

Depois que Adamastor, êrmo gigante
Que apavorou no mar as caravelas,
Sua historia contou ao navegante
E com lagrimas tantas, e querelas,
Calado se ficou, desde o instante
Em que, dizendo a causa antiga d'ellas,
Nelle viveram inda, por lembradas,
As saúdosas queixas namoradas.

No Cabo fabuloso convertido
Que depois das Tormentas foi chamado,
Por que soffresse mais o amor perdido,
Só nelle o coração não foi mudado:
Por Thetys, linda ninfa, endoidecido
De amor, que de antes tinha já tragado,
Erguido sobre o mar, Adamastor
No coração guardava aquelle amor.

Mas Thetys, que já de antes o enganára
Quando em seus braços rocha se fizéra,
Por lhe fazer a vida mais amára
Na lembrança dos males que lhe déra;
Por lhe lembrar desejos que afogára
E maiores desejos que accendêra:
Junto do velho Cabo depois ia
Toda nua nadar, e lhe sorria!

Com seus braços cortando claramente
A corrente sem fim da agoa marinha,
Ora desparecia lentamente,
Ora cantando e rindo depois vinha;

E com risos e mostras de contente,
A ninfa, que do mar era rainha,
Sem lhe doêr criar tamanha magoa
O corpo lhe amostrava, fóra da agoa!

O coração do monstro, palpitando
Sob a rocha que todo o sepultava,
Soffria o grave caso miserando
Que era caso de amor que lhe lembrava!
Em tormentas a cólera gastando
Os mares com procellas agitava;
E com roucos suspiros de saudade
Só por amor criava a tempestade!

Eram ais, eram uivos de vingança
Que as agoas revoltava, e vento irôso,
Com o amoroso odio que não cansa
No coração do Cabo Tormentoso!
E a cada nova e candida lembrança
Do seu conto de amor, elle, amoroso,
A doida tempestade ali soltava,
Emquanto o coração se lhe apertava.

As confiadas naus que lá passavam
E com erguida Fé pelo mar iam,
Colhidas das borrascas naufragavam,
As ondas sem piedade as enguliam!
E Adamastor, que ouvia os ais que davam
Os nautas que perdidos se morriam,
Contente se ficava, e socegado
Por se lembrar que algum seria amado.

Mas quando a manhan rôxa ali trazia
A luz, por descobrir tantos destroços,
Adamastor então se arrependia
De tanto dano e morte dar aos nossos;
Seu velho coração se comprimia
Sob o pêso das rochas, que eram ossos,
E por Thetys clamando e suspirando
Ia as tormentas doidas assoprando.

Immenso e só, ao Cabo hirto e severo
No fado que lhe outrora os deuses deram,
Os homens por terror e acaso fero
O seu antigo nome converteram:

E a quem viveu em tanto desespero
O de Bôa-Esperança lhe puzeram!
Ai do pobre gigante enamorado,
Que muito amou, que nunca foi amado!

Agora, quando as nuvens apparecem
Carregadas de ventos que quebrantam,
Sabei que dôres são que não lhe esquecem
E saúdades tristes que inda cantam:
Que são ellas que os ares escurecem
E as verde-negras ondas alevantam;
Que é inda o velho amor, que novo existe
No coração do grande Cabo triste.

Namorados, chorando a crueldade
De aquellas a quem déstes vosso amor,
As cóleras amai da tempestade
E das ondas e ventos o furor:
Lá ouvireis a grande saúdade,
Á vossa igual, do pobre Adamastor...
E contentes sereis, e confiantes,
Por a dôr ajuntar á dos gigantes!

AS VIOLAS

Morrer, mas devagar: o rei bradava.
A noite da derrota emfim descia,
Como pano chagado que cobria
O despôjo da morte negra e brava.

Com sêde, cada morto refrescava
Os beiços na ferida que o floria.
E o crescente da lua, que nascia,
Era mauro e de sangue se pintava.

Mas os Moços, no grande ardor feliz
D'essa jornada d'Africa, trouxeram
As violas gementes do paiz...

E do vento tangidas e tocadas
Que assopra do paiz onde nasceram,
As violas alastram-se, quebradas!

OS NICHOS

Pobres nichos devotos (como *alminhas)*
Que ha por este paiz, nessas estradas...
Lembrais ninhos por cima de sacadas,
Lares aconchegados de andorinhas.

Oh minha devoção, ternuras minhas,
Vós ao pé d'elles sois resuscitadas!
E eu amo-os mais que ás catedrais lançad
Aos altos céos, em complicadas linhas.

Rescendem cravos, rosas perfumando,
E num copo d'azeite uma luz arde
Ao pé da Virgem, toda num perdão.

Luzem á noite pelos campos, quando
Recolhe a gente a casa... Deus nos guar
Nichos devotos! Portugal christão.

CANÇÃO DO LINHO

Linho fresco florindo,
Bemdita flôr por nosso amor abrindo,
Virtuosa flôr!
Cresce, floresce na paz do Senhor.

E fiado serás
E alvo como a tua alma ficarás.
Alvo ou trigueiro,
Que rico cheiro!

E fiado serás
Por mãos de simples, aos serões, e em
E na lareira
Canta a fogueira.

E fiado serás
E os nuzinhos piedoso vestirás.
Linho dos Nus
É o sol, é luz.

E fiado serás
E com frescôr as chagas cobrirás.
Santa frescura:
Consola e cura!

E fiado serás
E em risonho bragal te tornarás.
Arcas cheiinhas
D'alvas rupinhas.

E fiado serás
E em regaços de noivas sonharás.
Noivas ditosas!
Linho de rosas.

E fiado serás
E em lençoes de noivados te farás.
Beijos d'amor
No linho em flôr.

E fiado serás
E os nossos mortos amortalharás.
Linho ou estamenha,
Deus os lá tenha!

E fiado serás
E melhor do que as rosas cheirarás.
Que perfumado!
Cheira a lavado.

E fiado serás
E os pobrezinhos enriquecerás.
Linho branquinho
Do pobrezinho!

E fiado serás
E bemdito por Deus sempre serás!
Oh flôr d'Amor,
Honesta flôr por nosso amor abrindo...

Linho fresco florindo,
Cresce, floresce na paz do Senhor.

A VOZ DO LONGE

Corações de romeiros e de nautas,
Escutai essa voz:
O Longe é como a voz da alma das flautas,
Põe-se a chamar por nós...

O canto do longinquo a alma embriaga,
Dentro d'alma se esconde:
Onde me levas, cantilena vaga?
Aonde? Aonde? Aonde?

Junto ás ondas do mar, nos poentes
Ouve-se a voz, d'além:
Por quem, meu coração, te vais e pe
Por quem? Por quem? Por quem?

E alta rocha bravía ou espessura,
Arvore, rio, flôr,
Astros da noite e olhos d'amargura,
Pensamento d'amor;

Ondas morrentes, funda nostalgia
Da cantiga do mar,
Tudo repete a esteril melodia
D'essa voz, a chamar!

Mas é no sangue, adentro d'estas v
E criado por nós
O canto onde ha quimeras ás manc
Que nos diz essa voz?

Ou do Longe virá para os ouvidos,
Confusa e fluida, assim...
Voz de cobranto, opio p'ra os sentidos,
Que me perturba a mim?

Ella é, talvez, a lembrança ancestral
De bons antepassados
Que no mar punham, entre a paz rural,
Os olhos alongados...

Virá, talvez, dos ecos melodiosos
Que repetem as magoas
E a saudade dos buzios amorosos
Da solidão das agoas...

Essa voz é a voz que já cantava
Coisas grandes e incertas
Ao Infante com scisma, que scismava
Em sonhos, descobertas.

Escutou-a Magriço no desejo
Das empresas tamanhas,
Por vêr mais agoas que as do Douro e Te
Varias leis, varias manhas.

A Joanne, o perfeito, não lh'esquece
A voz remota e ardente,
E ao que, em sonho, o Ganges apparece
Como visão d'Oriente.

Partiu, de a ouvir, princepe peregrino
Por terras, mar sem fundo,
O que correu, p'la mão do seu destino,
As partidas do mundo.

Ouviu-a, desde os seus dias primeiros
Aos derradeiros dias,
Rei celebrado em versos nevoeiros
E resas profecias.

E escutam-na, tambem, á voz tão cheia
De quimeras distantes,
Na solidão, os prêsos da cadeia,
Na patria, os emigrantes.

Sob a funda impressão da voz em ais,
Meu coração, te animas:
E revejo paizes e areais,
Maravilhosos climas...

Rios santos, a lua entre sagradas
Ruinas de nações,
Sinos tocando as horas exiladas,
As peregrinações...

As êrmas caravânas, um tesoiro
Abrindo em maravilhas,
E ao rés da agoa os continentes d'oiro,
Afortunadas ilhas...

Ouvindo a voz do Longe, a voz d'além,
Meu coração responde:
De quem é a voz que chama assim? De quem?
E onde me leva? Aonde?...

PEDRO CRI

Romance

Sai de palacio uma noite
Cerrada noite:

E pela noite caminham
Ou se adevinham
Vultos da noite...

Um rouxinol, cantando:

Volta os passos confiados,
Entra em palacio, senhor!

A agoa do rio, descendo:

A ventura é como a agoa
Que passa, não volta mais.

Um choupo, sussurrando:

Olha punhais afiados
Com fome do teu amor...

O vento, gemendo:

Na aza da minha magoa
Levarei penas e ais!...

Um eco, ao longe:

... é como a agoa
Que passa, não volta mais...

Os corações

Oh! saborosas dentadas
Tão bem cravadas
Nos corações!...

Oh! acabarem-se as vidas
Se esquartejadas!
Dôces dentadas, brutas dentadas!
Mordidas e remordidas,
E gaguejadas
Nos corações!

—Tirai-lh'os p'las costas!...
Devagarinho... devagarinho... devagarinho!...
Parti-os em postas,
Regai-m'os com vinho!

Oh, numa salva de prata
Os corações!
Desgraçado de quem mata:
Mata uma vez,
Só uma vez!

E mastiga e mastiga
Os corações!

Oh corações,
Senti os dentes
Cravados
Nos corações?

Boca danada, boca estorcida, apaziguada.
Nos corações...

Entêrro

Passa nos caminhos, passa a procissão
Com velas ardendo pela escuridão.

Procissão de luzes, uma em cada mão:
Pirilampos d'oiro rodeando um caixão.

Procissão de luzes, e caladas vão:
São pingos de sangue pingando no chão.

Procissão de luzes, longa multidão:
Longa caminhada. Passa a procissão...

Levam a Rainha, o trono e o caixão.
Depois de defunta beijaram lhe a mão.

Foi posta no trono, bella em podridão:
Seus louros cabellos sempre louros são.

Seus olhos, seus olhos não mais olharão:
Buracos vazios como a escuridão!

Passa nos caminhos, passa a procissão
Com velas acêsas, longa multidão...

Seus beiços p'ra beijos não mais beijarão!
Seus braços p'ra abraços não mais cingirão!

Procissão de luzes, muda multidão...
Oh saudade negra como a escuridão!

Insonia

Arde na noite a prata das trombêtas!...
Brilha na noite a luz d'acêsas tochas!
E as trombêtas: Álerta álerta álerta!

Accorda o burgo adormecido: el-rei!...
O Justiceiro, o ledo bailador!
E as trombêtas: Álerta álerta álerta!

Descem á rua. El-rei passa a bailar!
Cércam-no, baila, redemoinha, volta...
E saltam, dançam, rodopiam, bailam.

Ralé, mendigos, o seu pôvo cérca-o;
Segue na noite a ronda do bailado...
Brilham as tochas. Ardem as trombêtas!

El-rei traz um chicote, e anda uma estrella
Na ponta do azorrague flamejando:
Justiça! bradam-lhe.—E flameja o astro!

Justiça! bradam.—Sonha vergastadas
Em adulteros, vis, bispos rapaces!
Ralé, mendigos, o seu pôvo baila!...

Na noite sómem-se o bailado e a bulha.
N'alvorada desmaiam as trombêtas,
Desmaiam tochas, e desmaia a Dôr...

Tumulo

Nas covas nos heis de pôr
Os corpos desincontrados:
P'ra quando o *Juizo* fôr,
Nossos olhos abraçados
Falarem logo d'amor.

O MÊDO DOS CAMPOS

Oh mêdo de quem vai de noite andando,
As passadas ouvindo que então dá...
Vê sombras seguindo-o, vê mãos agarrando-o,
Vai para fugir-lhes, perseguem-no já!

O caminho tem cruzes pelos lados,
Sinal que ali alguem morreu, mataram...
Andam as alminhas cumprindo seus fados,
São mortos, são mortos que resuscitaram!

Ao pé d'esta arvore râmos que se abraçam
'scondem um vulto... Tréme o caminhante!
Vê sombras que passam, ha braços que o abraçam,
Vão-se num instante, voltam num instante!

No rio andam as bruxas ás risadas
(Coitadinho de quem a uma faz mal...)
E dão gargalhadas e dão gargalhadas!
Olha acolá luzes naquelle pinhal!

Num pinhal (pinhal negro, treva em trevas!)
Por atalhos um homem se perdeu:
Calado caminho, para onde o levas?
Elle ouve gemidos: quem foi que os gemeu?

Quatro caminhos, oh encruzilhada!
(É mau voltar-se a gente para traz...)
Oh cruz de caminhos, oh negro da estrada,
Nos quatro caminhos andam coisas más!

ı os lobishomens de corrida,
ı na noite, correm... Triste sorte!
a do Monte, Senhora Apparcida,
.os na vida, salvai-nos na morte.

o, por que vais a estrebuchar?
., coração! Mêdo de quê?
ıisas que vivem de noite no ar!...
ente tem mêdo, mas do que não vê...

:do de quem vai pelas sózinhas
:cas, sem ter nada que o afoite:
ıadre-nossos e salve-rainhas,
a coisas de noite, que ha coisas de noite!

que bom estar em casa, sentadinho
ne! pensa o que assim vai a andar.
ʒ terça-feira! Mas é bom caminho...
erder o mêdo põe se a assobiar.

Cavadôr no teu lar, tens mêdo! E agora
Mexem no teu telhado... Uivam os cães...
E arrancam as têlhas! Quem anda lá fóra?
São bruxas que roubam meninos ás mães!

Cavadôr's, cavadôr's, pintai a cal
Cruzes nessas parêdes, nessas portas!
Oh êrmos caminhos, Senhor! quem me vale?
Oh mêdo dos campos, pelas horas mortas...

COIMBRA, NOBRE CIDADE

DA MINHA JANELA

gora do meu quarto, pela larga
ıe abre sobre a paisagem amarga,
izonte melancolico de verdes
u, meu coração, todo te perdes...
escrevo, á hora mansa das Trindades,
ı aspecto de Coimbra: e que saudades
em mim aquelle trecho moribundo
ɜ velhas, olivais, e a *Quinta* ao fundo!
isa que vejo, ao sol claro ou á tarde,
por traz de *Santa Clara* o sol inda arde,
ıiliar se me tornou, se fez comigo,
a choupo que entrevejo é meu amigo.

Cai para a *Cêrca*, dominando a, esta janela;
E quando a outra me debruço lembra-me ella:
Porque d'outra não vejo a paisagem antiga
Que namóro d'aqui, e que é tão minha amiga...
Tarde religiosa. Os rouxinoes cantando.
Tranquillo, estou a vêr como se morre quando,
Como aos dias, após aurora e sol ardente,
A tardinha da morte escurece p'ra a gente.
Que sereno acabar o d'este dia... Resa
Pelo alma do dia a christã naturesa.
Vai um sino tanger... O som repercutiu
No valle... O dia morre. O sol já nem o ouviu.

Quem me déra morrer como este dia, assim...

Quando deixei a minha casa e p'ra aqui vim,
Esta abobada, a cella, a igreja abandonada
E este ar de magoa que se queixa resignada;
Esta janela, d'onde vi, molhado d'oiro,
Num céo verde d'outono, um sol de mau agoiro;
Esta paisagem para mim desconhecida,
(Era no outono...) tão tristinha, tão sem-vida;
A *estrada da Beira* entre salgueiros finos;

Os sinos d'oiro de Coimbra, cristallinos;
Aquelle rio d'agoas lentas e areais,
Que não vai para o mar e não é como os mais...
Ecos perdidos de canções que me chegavam
Como os espectros das canções que se cantavam...
Os pôr's-do-sol cheios de cinza; um cão que uivava
Quando a noite cahia... A fonte que chorava
Junto d'um cedro que furava o ar macio;
A curva excepcional que faz, além, o rio;
Essa arvore que dava á paisagem exangue
A nota estranha dos seus braços côr de sangue;
As *Ursulinas* com seu ar branco de asilo,
Como um convento d'um romance do Camillo...
Tudo isto, oh meu Deus! dava me uma impressão
De me morrer alguem dentro do coração!
E saudades de casa... Oh meu longinquo amor!
Se chegava á janela e olhava... era peor:
Era como se eu respirasse no ar
Lagrimas que depois tivesse de chorar.
Recebia uma carta e ficava a tremer:
Uma desgraça? Deus do céo! Que irei eu lêr?...
Era um mal que me vinha e sem eu saber d'onde!
E á hora então, Jesus! em que o bom sol s'esconde
E os sinos vibram, e as côres se desvanecem
E os namorados devagar seu sonho tecem...

Naquella hora, igual a esta, o que eu sentia
Era vontade de morrer!

E esta agonia
Este mal (que era o mal dos que sentem de mais)
Vinha do Ar, vinha da côr dos olivais.
Vinha d'isto que é agora o meu amor: d'aquella
Paisagem triste que entrevia da janela...

Mas pouco e pouco costumei-me a vê-la assim;
Vi a sua dôr que se apegava tanto a mim,
Compreendia-a, puz-me a amá-la de repente,
A gostar d'ella assim, resignada e doente.
Já me não faz chorar se a vejo com amor;
Dá-me vontade de dizer-lhe: « — Estás melhor?»
E de falar com ella: — « Então, essa anemia?
Os teus nervos, tambem, tudo t'os arripia...
Que dizes? ah! bem sei! Os salgueiros, uns poetas!
Pensam muito no sonho e são mesmo uns ascetas.
Dize-lhes que, ao luar, a ultima elegia
D'elles me fez chorar: ballada mais sombria!...
Mas tu propria tens culpa, ao cultivar assim
A poesia do Sonho e as saudades... Emfim,

Tu has de melhorar, oh minha dôce doente:
A Primavera te fará convalescente... »

Amo essa triste companheira do meu quarto.
E em minhas raivas, em meus tedios, quando farto
D'andar por fóra aos encontrões, aqui voltava,
Como lhe queria! Como a olhava! Como a amava!
E parece tambem que de tanto a olhar,
De tanto a vêr, tanto a sentir, de tanto a amar,
Nos entendemos, nos sentimos, nos amâmos!

E um choupo d'acolá diz-me um adeus, com os râmos...

S. Bento (Jardim).

ENDECHAS DO RIO MONDEGO

> Tem a mesma qualidade... de levar areias d'ouro.
>
> DUARTE NUNES DO LEÃO.

Com sonho e socêgo
Cantando o seu chôro,
Leva areias d'ouro
O rio Mondego.
Por entre pomares,
Por entre olivais,
Já não volta mais,
Corre para os mares.

Já sei, raparigas,
O que vós fazeis:
D'esta agoa bebeis,
São d'ouro as cantigas.
Oh rio que cantas,
Oh rio do chôro,
Levas na agoa ouro
Que doura as gargantas.

Vizinha menina
Do corpinho esguio,
Bebe agoa do rio
E a voz é divina.
Todo o dia canta,
Espalha sua mágoa;
Bebeu d'esta agoa,
Doirou-lhe a garganta.

Oh lindas trigueiras
Do meu coração,
Pelo San João
Cantais nas fogueiras.

Já sei, raparigas.
O que vós fazeis:
D'esta agoa bebeis,
São d'ouro as cantigas.

As barcas vão indo,
Serranas da Serra:
E eu vejo-as da terra
No rio subindo.
Pescadores, vêde,
Deixai vossa mágoa:
Botai redes na agoa,
Vem ouro na rêde.

Oh rio com ar
De sêr's d'outro mundo,
Com ouro no fundo
Que vai para o mar.
Vizinha menina
Do corpinho esguio,
Bebe agoa do rio
E a voz é divina.

CANTIGAS

Por ti perdi o socêgo
E dizes p'ra te deixar!
Dize ás agoas do Mondego
Que não corram para o mar.

Lavadeiras são Marias
De Jesus, da Conceição.
Faltei ás aulas tres dias...
Culpa têve-a o coração.

Oh campainhas de *Santo*
Antonio dos Olivais!
Ninguem sente tanto, tanto...
Tocam-lhe: põem-se aos ais.

Vou-me embora com tristesa,
Com tristesa sempre vou:
Que ninguem tem a certesa
De voltar ao que deixou.

Pouco tempo dura a rosa,
Pouco dura o bem-me-quer.
Quem nasceu desfortunosa
Sem fortuna ha de viver.

Vais-te: e o meu coração fica
Que, se o visses, tinhas dó!
Ai, não haver na botica
Remedio p'ra quem está só!

P'ra a Costa d'Africa, alguem
Meu coração degradou:
Se de lá voltar, já nem
Sabe quem agora eu sou.

CANÇÃO DO «CABREIRO»

Cabreiro malino
A *cabra* tocando,
Agarra-se ao sino
Que vai badalando!
São cem badaladas,
Suspiros e ais;
Tão tristes tocadas,
Parecem sinais.

Quando o dia morre
E a noite nos cobre,
Cabreiro na Torre
Compõe o seu dobre.

Bêbedo e risonho
Tristesas accorda;
Enforca-se o sonho
Com aquella corda!

Esguio *cabreiro*,
Borracho acabado!
Elle é sapateiro
E gato-pingado.
Os mortos vestindo,
Cangirão á bocca;
Á Torre subindo
É toca-que-toca!

Cabreiro bargante!
Vão as seis a dar,
E o teu instante:
Põe te a badalar!
Lindas namoradas,
E moços que ameis,
Dizem badaladas
Que vos separeis.

Badaladas correm,
Outras vão correr;
Badaladas morrem,
Outras vão nascer.
Cabreiro malino
A *cabra* tocando,
Agarra-se ao sino
Que vai badalando!

ELEGIA DA «CABRA»

«... já não toca mais: está rachadissima!»

(O Guarda-mór ao poeta).

Palavras onde jaz um grande ensinamento,
Palavras, para mim, tristes para chorar...
E pois que tudo pára ou em morte ou em vento
A poesia maior é a que o faz lembrar.

Disse-me o velho ha pouco a triste bôa-nova:
Dona de velhos sons morrera-se quebrada!
Mas ou fique na torre ou vá para uma cova,
Sua lembrança em nós é uma badalada!

Sua lembrança em nós é de azar e saudade,
Triste recordação de bronze velho, aos ais...
E agora que morreu, amigos, quem não hade
Cobri-la de perdão, por não ouvi-la mais?

Que a *outra* que vier p'ra o seu logar na torre
Não é *cabra*, afinal, não tem lenda e passado...
Porque quando é alguem que como ella nos morre
Vazio é seu logar outra vez occupado!

Esta era o lusco-fusco, as seis horas, e toda
A legenda sem fim dos que a 'scutaram de antes,
Velha teimosa e tonta, aborrecida e douda...
Mas lá no coração amiga d'estudantes!

Tinha esta, sabei! o que outra certamente
Só cem annos depois ha de ter de divino;
Porque se a velha *cabra* era alguem para a gente,
A outra para vós não será mais que um sino!

Perdoemos-lhe, pois, tanta lembrança aziaga,
Esse *dia seguinte* amargo que dizia...
Que a sua triste voz, d'uma ironia vaga,
A serio não tomava aquillo que fazia!

E tu, *cabreiro* triste, amante inconsolavel,
Vai ás tabernas, vai beber para esquecê-la!
Levando a nostalgia, a saudade infindavel
De nunca mais ouvi-la e nunca mais tangê-la!...

Numa aula, 16 de maio, 1900.

TRISTE FEIA

Aquella *triste-feia* miúdinha
De cabellos castanhos e olhos feios,
De boca murcha, de mirrados seios,
Que entre nós outros pallida caminha;

Desde que a tenho, ha mezes, por visinha
Jámais alegres ví seus olhos cheios
De solidão! E taes cuidados leio-os
Em seu geito de misera e mesquinha.

Triste-feia lhe chamam. E ella passa
Seus dias começados de manhan,
Sósinha, olhando a vida, que a odeia.

Dôce companheirinha de desgraça!
Anda cá, meu amor, dou te uma irman:
Dou-te a minha alma, toma a *triste-feia!*

D'*O MEU ADEUS*

Dos seis annos que andei os livros sobraçando
— Té ao cabo chegar desta navegação,
E nos bancos da aula o corpo flagelando,
Pouco vi que falasse a este coração.

No velho casarão de monastico ar
Eu seis annos gastei da minha vida inquieta;
E, se aprumado entrei, sahi a corcovar:
Fiquei um máo jurista e muito menos poeta!

Recordo-me, ao partir, de duas coisas que inda
Ha em Coimbra: d'ellas é minha saudade!
Nem sei qual d'ellas é mais saborosa e linda:
As lampreias do rio, as moças da cidade.

Oh lampreia divina, oh mais divino arroz,
Comidos, noite velha, em casa do Julião!...
Sem ter ceias assim o que ha de ser de nós?
Soffre, meu paladar! Chora, meu coração!

Caldeiradas ideais, que na memoria tenho,
Numa barca serrana á luz da lua cheia!
Tu devias, barqueiro, em paga d'esse engenho,
Tomar capêllo em *faculdade* de Lampreia.

Minhas tricanas, vós, que viveis na cantiga,
Tendes aquelle ar de graça que se dóe...
Vejo que descendeis d'uma tricana antiga
Chamada Ignez de Castro, e que princesa foi.

Oh filhas d'este rio, oh netas da paisagem,
Adorou-vos meu Pai, meu filho amar-vos-á!
Os velhos com saudade: aquillo é uma miragem...
Os novos a sonhar: que lindo que será!...

Ha que tempo, chorando, amores memorais...
(Que assim vos escreveu um 'studante — Camões...)
E S. João no céo, sempre que vós peccais,
Das *fogueiras* se lembra e manda-vos perdões!

Serenas agoas vão do Mondêgo descendo
E gemendo e chorando *até o mar não param;*
Por onde certas dôr's, *pouco e pouco crescendo,*
Para nunca acabar um dia *começaram*...

Romantico destino, esse de amar 'studantes!
E depois, e depois envelhecer, chorar...
Vêr as filhas a amar, tal qual como ellas de antes,
Outros que por sua vez as hão de abandonar!

No ar ficou pairando, e vós o respirais,
A herança, a tradição do velho amor-salgueiro:
Por isso, desmaiando, assim vos entregais
Desde uma ingenua hora ao dia derradeiro...

Ainda por Amor, que em vosso peito existe,
Os fosforos tomais com coragem insana;
E essa paixão contais co'a eloquencia triste
Que faz qualquer de vós uma Soror Marianna.

Na bandeira do chale eu leio o lindo móte
D'esse bando gentil de almas sacrificadas:
E, simplesmente, amais! sem marido nem dote,
Noivas da Geração, Ala de Namoradas!

E porque amais assim, eu, que parto sem pranto
D'este ingrato jardim que me deu malmequeres,
Vosso fado infeliz enternecido canto
E respeito-vos mais do que ás outras mulheres!

Pendurai na parede o meu retrato, agora:
Se eu um filho tiver e para Coimbra fôr
Alguma filha vossa elle doido namora,
E o seu retrato junto ao meu ella ha de pôr...

E pois que vou partir, sem vos doêr talvez,
(Eu que nunca estudei e por vós me perdi!)
Cantai nalguma hora os versos que vos fez
Um estudante que andou pallido, por ahi...

A ULTIMA CANTIGA

Esta palavra *saudade,*
Aquelle que a inventou,
A primeira vez que a disse
Com certesa que chorou.

SONÊTOS

I

Aqui lereis palavras que nasceram
Como gritos, dos beiços que as diziam:
E saudades vereis que endoideciam
As meninas dos olhos que as trouxeram.

Nem para vós os versos se escreveram,
(Que em riscos no papel se convertiam)
Nem para mim, nem para os que os ouviam,
Que foram tristes ecos que os colheram.

E meus dias assim se me passaram,
Junto ás ondas do mar, que ali morria;
E o que as ondas á alma me ensinaram

Vai nos versos de amor que vos fazia:
Chorando, como as agoas se choraram,
Saudoso, como a alma que as ouvia.

II

Qual a dôce Menina que deitava
Perolas pela boca, mal a abria,
E por cada palavra que dizia
De perolas seus passos semeava;

Em perolas eu vi que se mudava,
Nessa hora de amor de um breve dia,
O que essa leda boca, que sorria,
A meus ouvidos rusticos contava.

E perolas no ar, como mancheias
De estrellinhas que ao sol brilhassem mais,
Eu vi que d'essa boca se soltaram.

Essas palavras perolas guardei-as:
Mas por artes d'Amor, e de meus ais,
Em lagrimas depois se transformaram.

III

Alto bradei aos ecos, por que ouvisse
Humana voz que um bem ali me desse;
Mas só porque saudades lhes dissesse,
Saudades cada eco a mim me disse.

De minha voz fugi, por que fugisse
A lembrança do mal, que não esquece;
E aos ecos, por que tudo adormecesse,
Não mais bradei do valle ou da planicie.

Mas minha voz os ecos decoraram,
De tanto a escutarem, lamentando
Aquillo que de mim lhes fui dizendo.

E nunca mais os ecos se calaram:
Uns um nome dizendo, outros chorando,
Outros chorando; outros, respondendo.

IV

Já de pastor servi, como servia
Jacob, triste pastor, flôr de serranos;
Tambem pastoreando os meus enganos
Com esperanças emmeninecia.

Mas sempre foi destino que algum dia
Nos venha a paga, ao cabo dos sete annos:
E logo o meu rebanho em desenganos
A mudavel fortuna convertia.

Mas o triste pastor, em seu cuidado
E naquella traição enganadora,
Não foi, como Jacob, sereno e forte.

Porque ao seu coração desenganado
Disse: que *mais servira se não fôra*
Para tão curto amor, tão longa a morte!

V

Agora imaginai que se morria,
Qual da candeia a luz quando assoprada,
A luz do sol; e toda sepultada
Em sombra, a Terra em sombras se afundia.

Nunca mais, nunca mais amanhecia
Côr de manhan, rubor de madrugada;
Para sempre acabando a luz dourada,
Para sempre tambem anoitecia.

Imaginai a treva irreparavel
Do mundo morto, e a muda tempestade
Das coisas, sob o funebre lençol.

Pois eu apenas acho comparavel,
Se assim morrêsse a luz, minha saudade
Á saudade do mundo pelo sol.

VI

«Então (triste da avezinha) que estando-se assim queixando, não sei como se cahiu morta sobre aquella agoa.»

BERNARDIM RIBEIRO.

Ah, que ditoso aquelle ribeirinho,
Que na dourada areia caminhando
Sua jornada segue, e vai andando
Sem arrependimentos no caminho.

De uma fonte nasceu, e do carinho
De sua mãe se aparta assim cantando,
As concertadas agoas ordenando
Pela polida cama, de mansinho.

Que fortunosa sina de invejar
A sina fortunosa d'estas agoas,
Sem ambições de procurar o mar!

Manso corre, dourando-se de sol.
E tão feliz, que nem por suas mágoas
Lhe ha de cahir na agoa um rouxinol..

VII

a um busto de Donatello,
em Florença.

Em ti, mais do que em tudo, repoisaram
Meus olhos, que cegando ha tanto vinham;
E os doidos, que caminham e caminham,
Em ti, como numa alma, se poisaram.

Na figura de pedra, emfim, acharam
A Parecença, o *ar,* onde se aninham;
Porque as minhas saudades adevinham,
Porque os meus olhos, vendo-te, choraram.

Nem sonhos de Bellesa me moviam,
Mas saudades, apenas, (sem cuidar...)
Me ordenaram amar te, oh pedra fria!

Se as estatuas falassem, que diriam?
E se m'*ella* pudesse, um dia, amar,
Com que saudosos olhos me olharia?

II

FADO POLITICO

«.....
Pica os toiros e a nação.»

(O cego).

De ouvir cantar na rua venho agora
(E trago nos ouvidos a toada)
Um cego (e a sua voz ainda se chora...)
Que dizia uma satira rimada.

Entre o pôvo, que ouvia a çanfonina
Do rueiro cantor da indignação,
Havia commoções, raiva em surdina
E um bater ancestral de coração.

O cego, em versos côxos e sinistros,
Falava da justiça, a *Carta,* a lei...
Numa coisa que ha, que são os ministros,
E num monstro maior, chamado rei!

Picavam toiros, a nação, o pôvo!...
E numa festa, numa vid'airada,
Enchiam-se (cantava) como um ôvo,
Numa pandega larga e desbragada!

E, depois, vinham lagrimas: o fado
Dizia o pêso dos tributos; suores
De quem fendia a terra com um arado,
Para colher, no fim, pedras e dôres!

Os juizes compravam-se: a nação
Ia ser dos ingleses, e vendida!...
(E aqui a banza, numa vibração,
Protestava gemendo dolorida.)

E essas glosas, agudas como bicos
De navalha, acabavam torcionadas:
A pandega dos grandes e dos ricos,
Festas, impostos, lagrimas, toiradas...

Á volta, olhos em mascaras luziam!
Punhos cerrados, uma dôr igual
Os simples commovendo que aprendiam
A perdição do pobre Portugal!

Porque esses versos tristes, que rimavam
Encantadoramente mal, a flus,
Diziam muito mais do que julgavam
E eram rasgões abertos para a luz!

Oh simples! que fazeis gestos em garra
Na vibração dos vossos santos nervos,
Isso, afinal, são coisas da guitarra:
Hoje mesmo, ámanhan, ha de esquecer-vos...

Ia a contar-vos que esse cego, agora,
Vos disse coisas quasi verdadeiras...
Para quê? Ide amar! Sois moços? Ora!...
E os velhos têm o lume das lareiras.

Meu cavador boçal, que o fado ouviste
Com teu ar espantado e pictoresco,
Mal sabes! na tua alma é o pôvo triste
Da patria amada, o candido e grotesco!

Has de cear teu verde caldo, e
Com o estomago leve e satisfeito,
Deitar-te numa enxerga, para ahi!...
Dormir melhor do que em macio leito.

Has de resar aos santos... Fome, tens?
Pões-te a cantar! De noite, se estrebuchas,
Com orações farás calar os cães,
Do teu telhado afugentar as bruxas.

Levantas-te, mal nasce a manhanzinha:
Trabalhas todo o dia, résas, suas!
Cavas: meditas sobre o tempo, a vinha
E a influencia dos ventos e das luas...

E mesmo que padeças muita magoa
E mudem da fortuna as várias rodas,
Lá tens no livro d'oi o,—o *Borda d'Agoa*,
A lição das sementes e das pódas!

Ouves, um dia, um cego que te canta
Um fado que te diz indignações:
E o teu coraçãozinho eis que se espanta!
Rogas-lhes pragas, chamas-lhes ladrões!...

Mas o cego passou; déste-lhe pão
Para a sacóla, e cinco reis talvez...
Ei-lo que parte... Pronto: desde então
Não pensáste *naquillo* uma só vez.

Resarás! Suarás! Até que um dia
Vestem-te domingueiro, se tens fato,
E vais fazer na terra ingrata e fria
Um estrume magnifico e barato!

Nós, cavalleiros de revolta e Novo,
Não te diremos, pois, nossa justiça:
Para que fiques sempre aquelle pôvo
Que teve sonhos, e que tem preguiça.

O sonho que florece e em nós delira,
Grão maré de quimera e de verdade...
Não nos escutes: sômos a mentira!
Não nas aprendas: vive de saudade.

Antes fiques assim! emquanto fóra,
Nós, na peleja, numa ideal cruzada,
Batalharmos por uma grande aurora
E morrermos por ella na estacada!

Antes assim... E quando á tua porta
O céguinho a parar um dia fôr,
Não no queiras ouvir!... Ou, que t'importa?
Manda-o cantar cantigas ao amor!

PRIMAVERA

A terra é mãe eterna. A fecundá-la
Passam os ventos, passa o sonho e a Dôr;
Apodrecem os corpos numa vala
E desfolham-se as folhas d'uma flôr.

P'ra que produza matam-se a cavá-la
A primavera, o poeta e o cavador:
Todos com ancia, para profundá la,
Todos amando-a, p'ra que dê o amor!

Mondam-se os trigos sob os claros ares;
Florecem nas ramadas os fecundos
Rebentos, alvorecem os pomares...

E a terra, grande mãe alvoroçada,
Sente no ventre remexer, profundos,
Frutos de cada beijo, cada enxada!

OUTÔNO

Recolhe-se a morrer a naturesa.
O ar é fruto e môsto. Nos pomares
O moribundo outôno põe a mesa,
E despeja o seu sangue nos lagares.

A naturesa expira; e na tristesa
Da lenta morte que lhe vem dos ares,
Morre em paz, finda em sonho e em certesa,
Depois de abastecer todos os lares.

Anda na vida a lentidão do sôno.
Maternalmente, as arvores, fraquissimas,
Mal sustentam o fruto. O inverno vem...

Assim expira o renascente outôno,
Em tardes que são mortes serenissimas
De dias bons e que vivêram bem.

CARTA D'INGLATERRA

Pois que a saudade entre nevoeiros anda,
Tão longe de vocês, os d'esse lindo
Canto do mundo, escrevo-te estas regras
Naquella lingua que não oiço agora.
Eu creio, amigo, que poetas nossos
Com poemas rufando hinos da Carta
Deram cabo da arte que fizemos;
E só de longe, entre saudades minhas,
O paízinho ingenuo admiro e canto,
A patriazinha amada adoro e vejo.

Hontem, depois de classicas cervejas
Bebidas entre gente loira e grave,
Pela Cidade vadiei sózinho
Aos encontrões da multidão nocturna,

Pensando alto e declamando á nevoa:
Alma minha gentil que te partiste.

Ah, e não foi, vê tu, entre esses Doze
Morenos cavalleiros que á defensa
De damas vinham, que o teu pobre amigo
Embarcou para a côrte d'Inglaterra!
Trouxe saudades, sim... Mas que banal
A jornada no mar, nesse paquete,
Com velhas professoras regressando
E gente rica meditando os *Guias!*

Houve dança no Golfo; e foi cahido
Numa cadeira, olhando os céos escuros,
Que eu entendi o grande lord quando
Canta o enjôo em versos admiraveis!
(Camões, faltou dizer-se que o teu Gama.
Duas vezes heroe — não enjoava!)
Que indiff'rença magnifica nos toma!
Que celeste modôrra! Vai-se ao fundo?
Pois vai-se... Nem um musculo estremece.
É a morte em vida; uma sangria mansa
Nos nossos nervos, esvahindo a alma...

Só em Coimbra, pelo fim das aulas,
Se sente o enjôo como no mar bravo.

O que eu queria era dar-te a minha
Impressão de moreno entre estes louros
E contar-te da minha commoção.
Mas como descrever-te o nevoeiro,
(Que não é o que traz o *Desejado*...)
O verde d'estes parques, esta Arte,
O carvão, os cavallos, as mulheres,
Os aspectos da Londres da Miseria,
Se nada d'isto tudo faz que esqueça
O que me ahi ficou, e que eu agora
D'esta sala d'hotel d'onde te escrevo
Vejo tão longe e sinto tanto em mim!

Que maçada, viajar-se por prazer!...
Viajar é só bom depois, e antes!
Tu, que d'ahi me invejas tanto agora,
Senta-te bem numa cadeira amiga,
Abre janelas d'onde vejas mar,
Estende as pernas, semi cerra os olhos,
Acende o teu cigarro, e parte...

Aqui
Reli, ha dias, por uma tardinha
Tão meiga que par'cia de novena
E sob arvores velhas de arrabalde,
Esse adorado trecho das *Viagens*
Em que o Garrett conta das tres misses...

O capitulo todo é como um beijo!

Na avenida do parque, ao lusco-fusco,
O sereno cahia, desfazendo
Os aneis delicados dos cabellos
Das tres irmãs... E amava-as todas tres
Esse da nossa raça; e com seus olhos,
Com os seus doidos olhos portuguezes,
As tres irmãs formosas seduzia...

Olha, meu caro, esse Paiz só vale
E ainda merece que o amemos
Porque somos o pôvo que mais ama,
Porque somos o que ama inda melhor!
Dize á judia Europa que ahi ponha

Os seus olhos judeus e aprenda amor
Na nossa doida e meiga Arte d'Amar!

Rapariguinhas d'olhos em amendoa
E cabellos castanhos; descendentes
Das mulher's que choraram e resaram
Por filhos e por noivos que partiam
Ás descobertas, ao naufragio, ás Indias!
Rapariguinhas de vestidos claros
Em tardes de Maria e mez de rosas;
Carinhas dôces de gravuras velhas,
Rostos de copia pura d'azulejos!
Meninas do paiz de Violante,
Da Freira doida que escrevia cartas,
Da Joanninha do Val, a d'olhos verdes!
Oh Meninas e moças que o amor
Leva de casa de seus pais, um dia...
Não tendes dote? Tendes sempre um noivo!
E com beijos nos olhos e na boca
Ireis á igreja, criareis os filhos...

Mas não quero fechar esta confusa,
Esta saudosa e faladora epistola,

Sem te contar uma alegria grande
D'est'alma que se sente, entre estas almas,
D'outro barro amassada sob um sol
Que não é este, d'oculos escuros,
Mas um solzinho claro, alegre e meigo,
Que torna moreninhas as mulheres
E amadurece as uvas...

Foi ha dias,
Em *Earl's Court,* a Feira triunfal!
Passei a noite lá. Depois de ter
Navegado nos lagos em barquinhas
Que cisnes levam, e de ter subido
Num balão; depois já de cavalgar
Elefante e camello, e haver entrado
No café turco, na taberna egipcia;
Emfim, depois de me arrastar cansado
Entre o Bazar cosmopolita e immenso,
A pavilhão fui dar que annunciava:
(Arregala os teus olhos, lusitano!)
Exposição de Mulher's de todo o Mundo.

Logo um receio, uma medrosa esp'rança
Entrou comigo: E Portugal, estaria?

Assustado, apressado, dei a volta
Aos aposentos das mulheres expostas,
Onde, em scenarios proprios dos Paizes,
Mulheres moças, quasi todas bellas,
Olhavam para nós com olhos tristes...

Descança, amigo. Portugal não estava!

Eis que começo, conscienciosamente,
Uma visita á exposição magnifica:
Considerei o Norte das canções
Mortaes e frias, té á moça ardente
De ventre dextro para a dança lubrica...
Passeando os meus olhos pela Fêmea
Já aquella tristesa me tomava
Que tu, tambem, se as visses, sentirias,
Quando parei — como explicar-te a minha
Alvoroçada simpatia ao vêl-as? —
Diante de tres bellas espanholas!

Arripiadas pelo clima, as minhas
Tres pobres chicas, sonolentamente,

Sem luz nos olhos e sem graça alguma
Punham na multidão seus olhos negros;
E quasi hostís p'ra a multidão em roda,
Olhavam com despreso as gentes loiras.

Que pena tive d'essas raparigas!
Que saudades do sol que me fizeram!

Então eu, debruçado para as tristes,
Sorrindo-lhes amigo, em voz bem alta
E com garboso acento de Castella,
Bradei alegremente: — *Señoritas,*
Ah! me manden ustedes los ingleses...
E disse o resto!
Nunca vi ninguem
Da amargura passar com mais prestesa
Á ruidosa alegria! E logo ali
Em minha honra, em honra da Peninsula,
Um tremendo boléro começaram!...

Adeus. Saudades não te mando, que ellas
Sendo tantas, não chegam para ti.
Um abraço do teu amigo AFFONSO.

ROMANCE

Fugiu a freira, fugiu
Para terras apartadas:
Por amor se vai fugida
Pelas compridas estradas.
Senhoras d'agoas e ventos
Em seu mosteiro na serra,
Deixa monjas e noviças,
Não leva saudades d'ellas.
Verdes arvores da cêrca
E fontinhas a chorar,
Deixa arvores e fontes,
Deixa-as todas sem pesar.

Sua célazinha branca
E suas jarras com rosas,
Deixa flôres, deixa cella,
E deixa tudo sem dó.
Mas á hora da partida
(Que por amor vai partir)
Olha p'ra Nossa Senhora...
Já tem pena de fugir!
Saudades que d'ella sente,
Saudades que nella vão:
Só por deixar a Senhora
Padece o seu coração.
E seu habito despindo
(Que nunca mais vestirá)
A Nossa Senhora o veste,
A Nossa Senhora o dá.

Tornou a freira, tornou
D'aquella terra apartada...
Leda foi sua partida,
Triste foi sua tornada!

Cavalleiro que seguira
Depressa a deixou sózinha;
Pelas compridas estradas
Veio chorando a mesquinha.
Teve sêde, teve fome,
Teve lagrimas na cara;
Teve saudades tamanhas
E de tudo que deixára:
Senhoras d'agoas e ventos
Em seu mosteiro na serra,
Lembrou monjas e noviças
E teve saudades d'ellas!
Verdes arvores da cêrca
E fontinhas a chorar...
Lembrou arvores e fontes,
E lembrou-as com pesar!
Sua célazinha branca
E suas jarras com rosas...
Lembrou as jarras e a cella,
E tudo lembra com dó!
Chega á porta do mosteiro,
Que ha de ella fazer agora?
D'envergonhada não entra,
D'envergonhada se chora.

Mas ouve cantar no côro,
(Onde ella de antes cantou)
Deu um passo para a porta,
Deu mais um passo, e entrou.
Vê deserta a portaría
(Que era a hora de resar)
Corre, vai á sua cella,
Põe-se a chorar, a chorar!
Lá está Nossa Senhora
Com seu habito vestido...
Ai que saudades tamanhas!
Nunca tivesse partido!
Nossa Senhora sorri-se,
E diz-lhe Nossa Senhora:
— O habito que me déste
Bem pódes vesti-lo agora:
Emquanto por longe andaste
Fiz as tuas vezes, eu,
Com teu habito vestido...
E ninguem me conheceu.

O DESEJADO

«Ó! quem tivera poder
«Para dizer
«Os sonhos que o homem sonha!»

GONÇALEANNES BANDARRA.

Morto não foi, não foi, nas mauras lanças
Nosso rei-maravilha, que, tornado,
Em certesas mudou as esperanças!

Por entre o nevoeiro foi chegado:
Verdades foram altas profecias,
O desejado alcançou o *Desejado*.

Depois de tantas noites, tantos dias,
Tantas compridas horas, aguardando
O trazedor das honras e alegrias,

Ei-lo que á terra triste emfim tornando,
É como estrella abrindo aza benina,
É como bençam larga abençoando.

Assim cumpridos foram fado e sina:
Voltou! voltou á patria desgraçada
Para fazê-la a patria a mais divina!

Por Deus ditosa foi sua tornada:
Num cavallo passou agoas marinhas,
Seguido por luzente cavalgada...

E, oh pôvo infelice! tu que tinhas
O pescoço na corda já mettido
E dos Córvos fugindo ha tanto vinhas,

Áquelle vencedor, jámais vencido,
A ventura deveste em que ora trazes
O claro pensamento embebecido.

Depois dos céos de sangue, céos lilazes;
Depois de noites negras, alvas de ouro;
Depois da guerra santa, santas pazes!

Oh que divino rei de bom agouro,
Que ao pôvozinho trouxe uma esperança
Que fomes lhe matou, secou o chôro!

A terra está frolida: e logo alcança
Aquelle que a tratar com devoção,
Com que o celleiro encher com abastança.

Toda-las arcas enchem-se de pão!
De linho fresco cobrem-se mendigos,
De estrellas cada puro coração.

Todos os homens são irmãos e amigos:
Oh Imperio ditoso em que se erguêram
As cruzes convertendo os inimigos!

Dez sóes em Portugal amanhecêram!
Terra felice, terra de Deus filha:
Bemditos os que assim te convertêram!

Terra, que és uma afortunada ilha,
Entre montes e valles saúdosa,
E coberta d'um ar de maravilha!

Bemdita seja a volta gloriosa
Da Fortuna! Bemdito seja Christo,
E do seu Capitão a alma formosa!

Oh tempo, por nós todos já bemquisto!
O mar é nosso, o sólo é tenro, a gente
Honrada, a terra farta: a vida é isto.

Naus prenhes d'oiro chegam-nos d'Oriente:
Mas sabemos que o oiro cria dôres
E faz d'um pôvo forte, um pôvo doente...

E então, entre cantigas e entre flôres,
Atirâmo-lo ás ondas, que o apanham,
E as ondas verdes doiram-se de côres,

E ondas doiradas nossas praias banham!...

INSCRIÇÃO PARA O TUMULO D'UM GATO

Homens: este que jaz aqui dormindo
Ao borralho da Morte, ronronando,
Alguma coisa em vida possuindo
Maior foi do que vós, que estais zombando:

Tive caracter porque fui vontade,
Tive caracter porque fui sem-lei.
Garras no odio e festas na amisade.
Vivi: fui livre. Arranhei e amei.

A ACCACIA DO JORGE

« Quando a Accacia do Jorge ainda uma vez inflore,
« Chamae-me, que eu de abril nas auras voltarei... »

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Camillo! como acreditar, como hei de
Entender estes versos que deixaste?
Floriu a accacia em S. Miguel de Seide,
Cada anno te espera — e não voltaste!

Já tantas vezes deu a sombra amiga
Que tu gostavas tanto de gozar...
Florída, tem um ar de festa antiga
Na esperança de te vêr voltar!

Voltar? A velha arvore que cance!..
Por fim ha de secar, numa amargura.
Trabalhas lá num ultimo romance?
Suprema indiscreção! Genio e loucura!

Dolorosa novella desmanchada,
E que nos deixe pallidos e absortos,
Onde nos digas, grande camarada,
O gôrdo amor de *brasileiros* mortos!

Os Amorosos, que se vão chorando
Á porta do convento, e amortalhar-se...
Com habitos de terra aconchegando
Os esqueletos de ossos a chocar-se.

Um romance da cova, com morgados
Que o além desbastou; com almas finas
De misticas de Amor, lindas Meninas
Em mosteiros chorando, abandonados...

E a descompósta, lugubre risada
De romantica boca, que era a tua,
Nesses reinos da Morte gargalhada
Sobre defuntos namorando á lua!

E toda a vã e toda a derradeira
Esperança do cabo da viagem;
Com descritivos, á tua maneira,
D'esse Minho da Morte da paisagem...

Oh accacia! é já tempo: desesperas?
Não te ponhas florída, põe-te aos ais!...
Nunca mais voltará esse que esperas,
Ouves bem este horror? Jámais! Jámais!

E os versos d'elle, onde a saudade existe,
Que á despedida te gritou tambem,
Ah, não são mais que uma mentira triste:
Como tudo, afinal, que nos faz bem.

Poetas! perguntai ao pensamento
Que mais quimeras e desgraças forge?
Antes te séque um raio, ou parta o vento!
Oh accacia do Jorge.

EXPOSTOS

Lá vai a roda girando
E os expostos vão entrando.
Roda estranha, coisas más!
Nunca a roda volta atraz...
Poço verde! Vão cahindo
Expostos... Menino lindo!
Deitados á rua, oh nus
Como o menino Jesus.
A roda gira, outro cai...
Expostos, o que é ter pai?
A roda gira, outro vem...
Não mamais leite de mãe!
Sêde bemaventurados.
Quando vos dizem — coitados,

Expostos d'olhos chorosos,
Que horror, se sois orgulhosos!
Talvez que os pais sejam nobres,
Ricos... e os filhos pobres!
Ou filhos d'algum peccado...
Esconde, esconde o engeitado!
E a roda vai girando
E os expostos vão entrando.
Um, que entrou em certo dia,
Ao pescocinho trazia
Uma fita pendurada:
Mas nunca se soube nada...
Quem te pôz esta fitinha?
Quem é a tua mãezinha?
Nunca, nunca o saberás!
Nunca a roda volta atraz...
Expostos criados na rua,
Carne ao léo, alminha nua!
Expostos d'olhos em prantos,
Que sois *de Jesus, dos Santos*..
Expostos d'olhos christãos,
Meus amigos, meus irmãos!

Por mim sereis bem-amados,
Expostos, Nus, Engeitados!

Lá vai a roda girando,
E os expostos vão entrando...

BEMDITO

Sahiu o Senhor de casa
P'ra ir a quem vai morrer.

Bemdito e louvado seja!

Erguem-se as vozes no ar,
Ouve-as o que vai morrer.

Bemdito e louvado seja!

Passa o Senhor nos caminhos.
Tardinha. O sol a morrer.

Bemdito e louvado seja!

As vozes são uns suspiros
De vozes que vão morrer.

Bemdito e louvado seja!

E sobem no ar sereno
E descem, logo a morrer.

Bemdito e louvado seja!

Santissimo sacramento,
Beijo nos que vão morrer.

Bemdito e louvado seja!

Tlim, tlim, tlim... A campainha.
Acaba o sol de morrer.

Bemdito e louvado seja...

E volta o Senhor a casa...
Já de todo anoiteceu.

Bemdito e louvado seja.

Tremem de leve no ar
As luzes que vão acêsas.

Bemdito e louvado seja.

Silenciosos caminhos
Enchem-se de vozes êrmas.

Bemdito e louvado seja.

E ha fontes que dão suspiros,
Trigos maduros que ondeiam.

Bemdito e louvado seja.

As vozes, no ar sereno,
Nem acordam o silencio.

Bemdito e louvado seja.

Santissimo sacramento,
Beijo nos que vão morrer.

Bemdito e louvado seja.

Calam-se as vozes, e nascem
As estrellinhas no céo.

Bemdito e louvado seja...

A POESIA DOS REALÊJOS

Instrumento imbecil, maquina triste,
Chorando moes as lagrimas, de cór;
Moinho de sons, mas cuja voz insiste
Em me contar irremediavel dôr.

Grotesco como as velhas amorosas,
Saltimbanco falando das estrellas!
Andam nas tuas fifias dolorosas
«As flôres d'alma que se alteiam bellas.»

Inconscientes, pela rua os sigo,
Ridiculos e liricos, tangendo
As mesmas arias d'um perfume antigo
Que nossos pais andaram commovendo.

As mesmas coisas, sempre renovadas,
(Muda o registo: muda-se a tristesa!)
Italianas, tisicas, cansadas!...
E, lamentosa, rompe a *Marselhesa*.

E o realêjo acha as expressões;
Dita por elle, essa banalidade,
Entre os que passam dando-lhe encontrões,
Esmalta-se de ritmos de saudade!

Tira do lugubre um effeito novo,
Motivos que ninguem compôz assim...
E eis que á volta debanda a rir o pôvo
E eu ponho-me a chorar dentro de mim.

Hinos heroicos, logo os descolora!
(Sabe-me a murcho, cheira-me a cinzento)
E elle geme, tosse, tosse, e espectora
O seu pôdre e romantico lamento!

Oh maquina immortal e desgraçada,
Vê se te calas, não rouquêjes mais!
Porque será que nunca escutei nada
Mais triste que estas valsas joviais?

E, absôrto, caminho pela rua,
Por entre as almas sêcas e esquivas,
Vendo murchar as flôr's, á luz da lua,
«Puras, singelas, orvalhadas, vivas...»

OS FALA-SÓS

Fala-Sós por essas ruas,
Sós andando, sós falando
E sempre sós!
D'olhos vagos como luas...
Sós falando, sós andando,
Roçam ás noites por nós.

Fala-Sós sózinhos vão,
Sós andando, sós falando,
Sonhando ideias...
Empurra-os a multidão!
Sós falando, sós andando,
Aranhas tecendo teias...

Fala-Sós andam, desandam,
Sós andando, sós falando,
Com gestos no ar!
Sombras são, sombras demandam...
Sós falando, sós andando
E sós a gesticular!

Fala-Sós, fatos no fio...
Sós andando, sós falando,
D'olhos ideais!
O vento gela-os! Que frio!...
Sós falando, sós andando,
Não ouvem o vento aos ais.

Fala-Sós, chuva cahindo...
(Sós andando, sós falando)
Cahindo fria!
Noite negra, sonho lindo!
Sós falando, sós andando,
O sonho amanhece o dia!...

Fala-Sós foram amados...
(Sós andando, sós falando)
Bocas beijaram!
Oh, velhos beijos passados!
Sós falando, sós andando,
Os beijos resuscitaram!

Fala-Sós foram trahidos...
(Sós andando, sós falando)
Mortas esp'ranças!
Ei-los: erram, perseguidos!...
Sós-falando, sós andando,
Com garras para vinganças!

Fala-Sós com filhas doentes...
(Sós andando, sós falando)
Num quinto andar!
Tristes, eternos ausentes,
Sós falando, sós andando,
Fantasmas a vadiar!

Fala-Sós, doidos morcêgos!
Sós andando, sós falando
Pela Cidade!
Tragicos, malucos, cegos!
Sós falando, sós andando,
Redemoinhos de anciedade!

Fala-Sós esguios, tórtos!
Sós andando, sós falando,
Imaginarios!
Trapos, farrapos de mortos!
Sós falando, sós andando,
Christos d'esquina em calvarios!

Fala-Sós, levando Cruzes!
Sós andando, sós falando,
Os sonhos tecem...
(Hora de acendêr as luzes.)
Sós falando, sós andando,
Na noite desapparecem...

OLHANDO O LUME DA LAREIRA

Lume da lareira,
Bemdita fogueira,
Do meu coração!

Olha essas brasas lindas! Como estão
Cantando e ardendo: dizem-nos a vida!
Lume da casa, faze-m'a aquecida,
Que a esta hora
Pela vida fóra
Ha quem môrra de frio,
Mortos rôxos de frio
No chão!...

Lume da lareira,
Oh linda fogueira
Do meu coração!

Olha essas brasas lindas! Como estão
Nosso jantar gostôso perfumando...
Arde, meu Lume, que me estás lembrando
Que a esta hora
Pela vida fóra
Ha quem môrra de fome,
Mortos brancos de fome
No chão!...

Lume da lareira,
Alegre fogueira
Do meu coração!

Olha essas brasas lindas... Como estão
Fazendo ás nossas almas companhia.
Ás nossas almas? Mas quem lhes diria
Que a esta hora

Pela vida fóra
Ha quem viva sózinho,
Mortos de dôr, sózinhos,
No chão!...

Lume da lareira,
Fogueira, fogueira
Do meu coração!

Olha essas brasas, olha... Como são
Fulvas, espertas no suave lar!
Brasas! tirais-me a luz, roubais-me o ar.
Que a esta hora
Pela vida fóra
Ha quem não tenha lar,
Vivos que teem por lar
O chão!...

Lume da lareira,
Oh triste fogueira
Do meu coração!

Olha essas brasas, que morrendo vão...
Não as avives, deixa-as apagadas!
Deita-lhes agoa! Morram estranguladas!...
Que a esta hora
Pela vida fóra,
Ha quem môrra de frio!
Ha quem môrra de fome!
Ha quem viva sózinho!
Ha quem não tenha lar!

E nós com Lume na nossa lareira,
E nós com Lume p'ra nos alegrar!...

Maldita fogueira!
Lume da lareira,

Apaga-te e não tórnes a cantar!

ÁS ARVORES

Oh arvores, mães verdes e encantadas,
Sempre virgens e sempre desfloradas;

Mães de ventre divino, onde se gera
Mais vida em cada nova primavera;

Corpos da carne dôce e renascente
D'este corpo da terra viridente;

Lenços de gemedôra despedida
Com que os ventos acênam para a vida;

Troncos onde se ampara a debil planta,
Lares onde a ave vive e ama e canta;

Consciencias tranquillas da floresta
De humano coração e de alma honesta;

Sacrificadas arvores morrendo
Para resuscitar, morrer vivendo:

Em cada primavera, em vossos ramos
As flôres fecundas procuramos;

Em cada outôno, p'lo morrer dos ares,
As flôres são frutos nos pomares;

Em cada inverno o lenhador, matando,
Acende em nossos lar's o lume brando...

E os vossos corpos, decepados, nus,
São corpos, são tambem a propria cruz!

Mas debruçai-vos, arvores de amor,
Para a terra, p'ra os homens, para a Dôr:

Livres nascestes, livres como as fontes
E como a luz que doura os horizontes;

Tão livres como as aves que vos vão
Povoar de amor-ninho e amor-canção;

Tão livres que vos prende apenas, viva,
A amoravel prisão da hera affectiva;

Tão livres como Deus, arvores bellas
Onde os orvalhos amanhecem estrellas;

E, oh arvores dos frutos pelo outôno,
Arvores nossas, tendes sempre um dôno!

Vosso amoravel fruto desejado
Té ás bocas dos homens offertado,

Nosso não é, oh arvores ditosas,
Roseiras que dais fruto, o pão de rosas!

A vossa fresca e repoisante sombra
Que mancha de frescura cada alfombra,

Nossa não é, oh verdes ramarias,
Palio de amor á luz dos claros dias!

A vossa lenha que no lar, d'inverno,
É lume d'oiro e canto vivo e terno,

Nossa não é, oh braças resequidas,
Mortas para aquecer as nossas vidas!

Assim, arvores santas a florir,
Inutil sacrificio é existir:

Inutil sacrificio o vosso então,
De almas p'ra o céo e frutos para o chão;

Que fruto, sombra, redoirado lume,
Tudo que em vós o amor pór nós resume,

Não é da terra, porque a terra é a dôr
Da charneca sem pão e sem amor!

Arvores, mães divinas e alheias,
De um inutil amor por nós tão cheias,

Secai na terra toda, qual se um dia
As primaveras fôssem invernia!

E, em cada estação, á luz erguidas,
Sêde do inverno as arvores despidas!

Secai na terra toda, e em cada outôno
Sêde os pomares êrmos do abandono!

Secai na terra toda, e em cada estio
Sêde mendigas pallidas ao frio!

Secai na terra toda, povoando
A terra de cadaveres tombando!

E sêcas, nuas, morrereis de amor
Pela terra das arvores em flôr!...

INDICE

I

	Pag.
O Fado	7
Á Senhora do mar ou das ondas	13
O coração do Adamastor	19
As violas	25
Os nichos	26
Canção do linho	27
A voz do Longe	31
Pedro Cru	37
O medo dos campos	45

Coimbra, nobre cidade.

Da minha janela	51
Endechas do rio Mondego	57
Cantigas	61
Canção do *cabreiro*	65
Elegia da *cabra*	69
Triste feia	73
Do *meu adeus*	74
A ultima cantiga	79

Pag.

Sonêtos.

De I a VII . . . . . 83 a 89

II

Fado politico. 93
Primavera 100
Outôno 101
Carta d'Inglaterra 102
Romance 111
O Desejado 115
Inscrição para o tumulo d'um gato. . . . 121
A accacia do Jorge 123
Expostos 127
Bemdito 131
A poesia dos realêjos 135
Os fala-sós 139
Olhando o lume da lareira 143
Ás arvores 147

ERRATA

A pag. 115 onde se lê:

O desejado alcançou o Desejado.

deve lêr-se:

O desejo alcançou o Desejado